

## ➤ Custo do Trabalho no Brasil

O cenário recente da economia brasileira combina baixos níveis de crescimento e de investimento com inflação elevada e deterioração do déficit em transações correntes. Estas características estão interligadas e são sinais inequívocos da saturação do atual modelo de crescimento alicerçado exclusivamente no aumento da demanda por bens e serviços.

Diante disso, as questões ligadas às condições de oferta ganharam força no debate econômico atual. No centro da discussão estão os chamados gargalos estruturais que resultam em elevados custos de produção e baixa produtividade para as empresas brasileiras. Por isso, o Sistema FIRJAN tem pautado sua atuação no aprofundamento da agenda de competitividade, com foco na redução do chamado “custo Brasil”.

Além dos desafios logísticos, tributários e financeiros, o Custo Brasil engloba outros insumos essenciais para atividade industrial, como energia elétrica, gás natural, banda larga e também a burocracia. Esses últimos quatro temas já foram objeto de estudos dessa federação, mostrando que são muitos os fatores que determinam a baixa competitividade da economia brasileira. Neste trabalho, o foco é uma das principais vertentes do Custo Brasil: o custo da mão de obra. Afinal, este é o principal item na estrutura de custos da maioria das empresas.

Nos últimos anos, ao mesmo tempo em que a taxa de desemprego caminhou para seu piso histórico, os salários cresceram de forma acelerada, elevando o custo da mão de obra no Brasil. Caso o crescimento dos salários tivesse sido acompanhado pelo aumento da produtividade, não haveria elevação de custos<sup>1</sup>. Mas não foi este o caso, pelo contrário.

O gráfico a seguir mostra que o custo da hora de trabalho, em termos reais, passou a crescer de forma acelerada depois de 2010, enquanto a produtividade passou para o campo negativo<sup>2</sup>. Isso quer dizer que o custo de produção no Brasil aumentou não só por conta do crescimento dos salários, mas também porque passou a ser necessário mais horas de trabalho para produzir o mesmo produto.

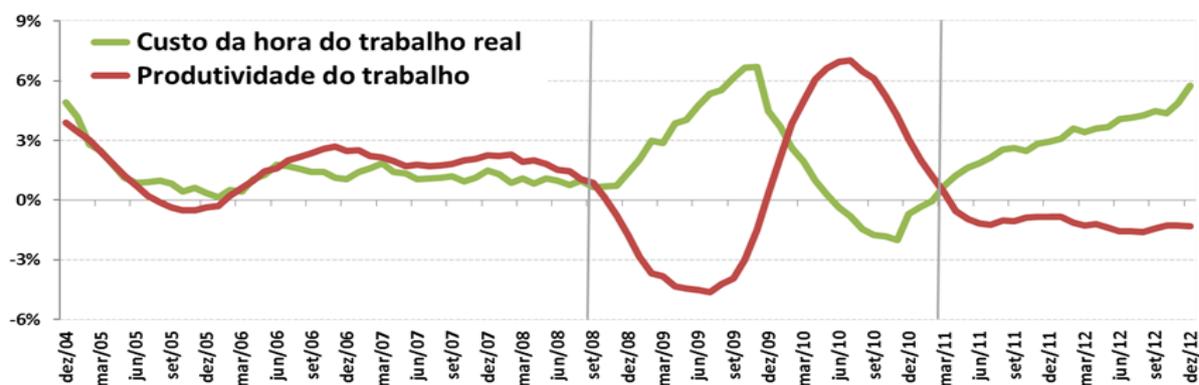
<sup>1</sup> “Quando os salários aumentam em consonância com o crescimento da produtividade, estes aumentos são ambos sustentáveis e estimulam um maior crescimento econômico, face ao aumento do poder de compra das famílias.” Organização Internacional do Trabalho (OIT). Relatório Global sobre os Salários 2012/13: salários e crescimento equitativo. 2013.

<sup>2</sup> Entre 2004 e 2008, a produtividade do trabalho na indústria acompanhou ou mesmo superou o custo da hora trabalhada. Já entre 2009 e 2010, as variáveis registraram fortes oscilações por conta dos efeitos da crise mundial, que resultou em significativa queda da produção em 2009 e posterior recuperação em 2010. Pastore, Gazzano e Pinotti (2012) tratam em detalhes as variações da produtividade e do custo do trabalho no período.

Para maiores detalhes consulte Pastore, C., M. Gazzano, and M. Pinotti. 2012. “Por Que a Produção Industrial Não Cresce Desde 2010?” Mimeo.



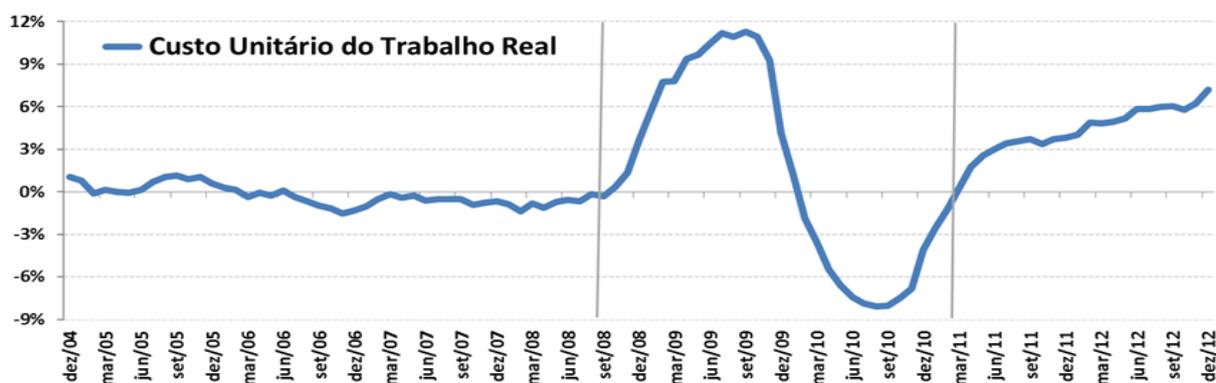
Gráfico 1 - Custo Real da Hora de Trabalho e Produtividade do Trabalho na Indústria de Transformação Variação em 12 meses



Fonte: FIRJAN

A relação entre o custo da hora trabalhada e a produtividade compõe o chamado **Custo Unitário do Trabalho (CUT)**, um indicador que mede o custo da mão de obra por unidade produzida<sup>3</sup>. Em 2011 e 2012, o CUT da indústria de transformação brasileira disparou, acumulando crescimento de 11,3%, em termos reais. Somente em 2012, o avanço foi de 7,2%. Esses números contrastam com o recuo de 1,4% observado entre 2004 e 2007, período que antecedeu as movimentações bruscas do indicador por conta da crise mundial. O gráfico abaixo ilustra esses movimentos.

Gráfico 2 - Custo Unitário do Trabalho da Indústria de Transformação - Variação real em 12 meses



Fonte: FIRJAN

Na prática, o aumento do CUT significa redução da competitividade dos produtos brasileiros frente aos concorrentes internacionais, pela simples lógica de que uma vez com custos de produção maiores, mais caro ficará o produto final. A comparação com outros países não deixa dúvidas quanto a isso. Entre as maiores economias mundiais<sup>4</sup>, o Brasil foi a única a apresentar crescimento real do CUT no período 2004/2011: 6,0%, ante recuo de 14,6% das demais, em média.

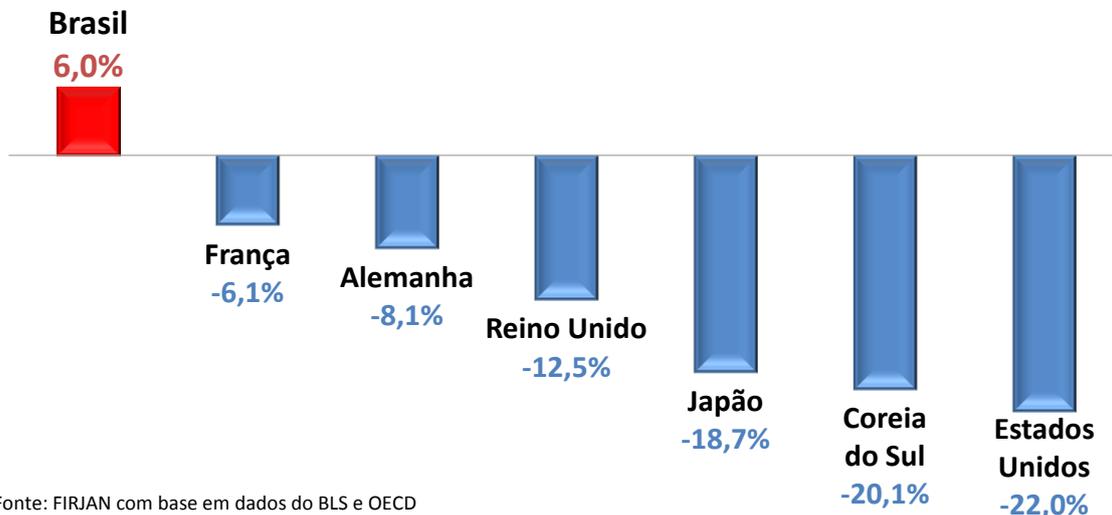
<sup>3</sup> O CUT é obtido pela razão entre a folha de pagamentos, incluindo encargos, e a produção industrial. Nesse estudo, apresentamos o CUT da indústria de transformação de forma já deflacionada, ou seja, o CUTR: Custo Unitário do Trabalho real. Para o cálculo foram utilizados os dados da PIMES e da PIM-PF, do IBGE.

<sup>4</sup> Dada a escassez de dados confiáveis e de abrangência nacional, não foi possível calcular o CUT da CHINA. No entanto, conforme ressaltado pela Organização Internacional do Trabalho, "Mesmo na China, um país onde os salários praticamente triplicaram na última década, o PIB cresceu a uma taxa mais rápida do que a massa salarial total - e, conseqüentemente, o peso do rendimento do trabalho caiu." (OIT, 2013).



Gráfico 3 - Custo Unitário do Trabalho da Indústria de Transformação – Países selecionados

Variação real acumulada entre 2004-2011, em moeda local



Fonte: FIRJAN com base em dados do BLS e OECD

Esses dados ratificam a importância de políticas voltadas ao aumento da produtividade do trabalho no Brasil. Isso passa por maiores investimentos em educação, pesquisa e desenvolvimento, tecnologia, além de maior abertura comercial. Por sua vez, a redução do custo da hora trabalhada passa pela modernização das leis trabalhistas brasileiras, consolidadas há 70 anos, mas que em muitos pontos não mais atendem a realidade do mercado de trabalho do século XXI. Nesse sentido, é preponderante a busca pela valorização da negociação entre empresas e trabalhadores. Outros exemplos de avanço na área trabalhista são a regulamentação da terceirização e o fim da multa adicional de 10% do FGTS para demissões sem justa causa, por exemplo.

Uma redução do CUT é essencial para o aumento da competitividade da economia brasileira, com implicações diretas sobre o aumento da atividade produtiva, a geração de emprego, o crescimento econômico, a contenção da inflação e a melhora das contas externas.



## Custo Unitário do Trabalho (CUT) nos Segmentos da Indústria de Transformação Brasileira

Esta seção estende o cálculo do Custo Unitário do Trabalho (CUT) para os setores da Indústria de Transformação brasileira. Tendo em vista o crescimento acelerado do CUT nos últimos dois anos, a análise terá como foco este período.

Conforme a Tabela 1, dos 15 segmentos<sup>5</sup> pesquisados, 13 apresentaram aumento real do CUT em 2011 e 2012. Dentre estes, em 8 o crescimento foi superior à média da indústria (11,3%). O CUT da indústria *Têxtil* foi o que mais cresceu (+25,3%), refletindo significativa queda da produtividade do setor no período. Na sequência aparecem as indústrias de *Material de transporte*, de *Máquinas e equipamentos* e de *Máquinas e aparelhos eletroeletrônicos*, setores em que o crescimento do CUT ficou em torno 20% no último biênio. Nesses segmentos houve uma combinação de forte queda na atividade produtiva com aumento dos gastos com a folha salarial.

**Tabela 1 - Custo Unitário do Trabalho da Indústria de Transformação por segmentos**

Varição anual (%), em valores reais

Custo Unitário do Trabalho Real	2011	2012	Acumulado 2011-2012
Têxtil	19,4%	5,0%	<b>25,3%</b>
Material de transporte	6,4%	14,0%	<b>21,3%</b>
Máquinas e equipamentos	7,2%	12,9%	<b>21,0%</b>
Máquinas e aparelhos eletroeletrônicos, de precisão e de comunicações	6,3%	12,4%	<b>19,5%</b>
Alimentos e bebidas	5,7%	10,3%	<b>16,5%</b>
Metalurgia básica	6,5%	5,8%	<b>12,6%</b>
Calçados e couro	8,2%	3,4%	<b>11,9%</b>
Vestuário	3,4%	7,8%	<b>11,5%</b>
<b>Indústria de transformação</b>	<b>3,8%</b>	<b>7,2%</b>	<b>11,3%</b>
Borracha e plástico	5,2%	4,9%	<b>10,4%</b>
Minerais não-metálicos	1,7%	6,4%	<b>8,2%</b>
Coque, refino de petróleo, combustíveis nucleares e álcool	3,8%	1,5%	<b>5,4%</b>
Produtos de metal	0,5%	4,6%	<b>5,2%</b>
Química	1,8%	2,0%	<b>3,9%</b>
Papel e gráfica	-9,8%	3,9%	<b>-6,3%</b>
Madeira	-4,5%	-9,5%	<b>-13,6%</b>

Fonte: FIRJAN

<sup>5</sup> Segmentos definidos pela CNAE 1.0 e suas agregações como utilizado na PIMES/IBGE.



Outros quatro setores que também registraram crescimento do CUT acima da média foram: *Alimentos e bebidas* (16,5%), *Metalurgia básica* (12,6%), *Calçados e couro* (11,9%) e *Vestuário* (11,5%). Em comum, todos apresentaram queda de produtividade e aumento do custo do trabalho no último biênio.

Os únicos segmentos com redução do indicador nos últimos dois anos foram *Madeira* (-13,6%) e *Papel e gráfica* (-6,3%). No primeiro o movimento é explicado pelos elevados ganhos de produtividade, enquanto no segundo pela redução dos gastos com a folha de pagamentos.

#### **EXPEDIENTE**

**FIRJAN** - Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro; **Presidente:** Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira; **Diretor Geral:** Augusto Franco Alencar; **Diretora de Desenvolvimento Econômico e Associativo:** Luciana de Sá; **Gerente de Economia e Estatística:** Guilherme Mercês; **Equipe Técnica:** William Figueiredo, Jonathas Goulart, Tatiana Sanchez, Marcio Afonso, Marcelo Nicoll, Carolina Neder, João Paulo Alter, Alexandre Gomes e Jailison Silveira; **Contatos:** Av. Graça Aranha, 01 – Centro - Rio de Janeiro - CEP: 20030-002 – telefone: (21) 2563-4289 - e-mail: [economia@firjan.org.br](mailto:economia@firjan.org.br) - website: <http://www.firjan.org.br/economia>